

## O Problema da Liberdade na Perspectiva Humanística Atual\*

### I — INTRODUÇÃO

Há cerca de uma dezena de anos representou-se em Varsóvia, na Polónia, uma peça teatral interessante. Não se disse uma palavra durante a encenação, mas em cada momento da representação era claro o que se queria. Tratava-se de um poeta-filósofo que se havia escondido numa gruta para escrever “livremente” sobre a liberdade.

O poeta simbolizou a liberdade na imagem duma jovem pura e nua. Nas aldeias próximas ao refúgio do poeta, espalhou-se aos sussurros a notícia de que alguém havia escrito um livro sobre a liberdade. Para os habitantes dessas aldeias, a liberdade se tornara tão necessária como o pão e a água de sua alimentação. Por isso saem ansiosamente à procura do poeta e de seu livro. Compram o livro e o lêem com sofreguidão. Mas em todas as aldeias há um policial. E os policiais descobrem o que procuravam: que alguém em algum lugar havia escrito um livro sobre a liberdade, e que esse alguém estava vendendo cópias de seu livro. Criou-se assim uma situação intolerável para os policiais. Essa situação tinha que ser solucionada Por

isso os agentes vão à caça da liberdade, daquela jovem pura e nua. Os habitantes das aldeias sabem que a polícia sempre é bem sucedida. Com efeito, eles descobrem a liberdade. Levam-na consigo e a estrangulam. O poeta-filósofo cai no descrédito e na miséria.

## II — MANIFESTAÇÕES POPULARES SOBRE A LIBERDADE

— As cenas do teatro, que acima referi, representam um pouco da realidade daquele que quer defender a liberdade. Alguns o encaram com sorriso, pois dizem que a liberdade não existe. Para esses o homem está tão condicionado, a ponto de não ser mais livre. Outros se admiram da coragem de quem fala sobre a liberdade, pois julgam perigoso fazê-lo. Têm medo da liberdade e de homens livres. Estão com medo de falarem e pensarem livremente sobre a liberdade.

2.1 — Pois bem. Há tempos, falei com alguns *hippies*. Após momentos de conversa, perguntei-lhes se eles se sentiam livres. Responderam-me: "Estamos numa boa, sempre livres, sempre livres!" Não me disseram que realmente se sentiam livres, mas responderam-me descompromissadamente: "sempre livres". Concordei com eles. Principalmente porque vi que estavam usando umas calças velhas azuis e desbotadas. E o conceito de liberdade deles ficava por aí mesmo.

2.2 — Um estudante, aluno meu em anos passados no Sul do País, vive atualmente entre os índios Nanbiquaras no Mato Grosso. Num relato seu conta que vive na tribo como índio, participando da vida dos Nanbiquaras. Acompanha os índios na caça, na pesca e no trabalho, ajudando-os naturalmente onde pode. Escreve que todo trabalho na tribo se faz num perfeito clima de liberdade. Os índios trabalham quando desejam. Quando falta alimento, vão à caça ou à pesca, mas ninguém é obrigado a exercer uma função fixa. É a liberdade dos filhos das selvas... Talvez fosse também uma liberdade boa para nós, mas a situação atual, ao menos a minha, não o permite.

2.3 — Falando com um senhor, aposentado há pouco, sobre os seus planos futuros, perguntei-lhe se não gostaria de empregar-se novamente. Respondeu-me: "Não. Durante 30 anos tive patrão, agora eu mesmo quero ser o meu patrão. Quero ser livre no resto de minha vida".

Ney Matogrosso, conhecido cantor, declarou numa entrevista que o maior desejo dele é que os outros sintam nele a liberdade.

---

\* Conferência pronunciada durante a II Semana Filosófica da Universidade Católica de Pernambuco.

2.4 — O escritor Sérgio de Oliveira, em declarações à revista VEJA de 26-10-77, disse: "Que se devolva ao povo aquilo que só ao povo pertence e que ninguém lhe pode tirar: a sua liberdade. A liberdade de escolher seu próprio caminho, que começa pela liberdade de viver".

### III — A LIBERDADE E A HISTÓRIA

3.1 — Quando nos tempos antigos os filósofos gregos começaram a se preocupar com a liberdade como elemento essencial do ser humano, sempre falavam da liberdade política, em oposição à escravidão. Nessa perspectiva, livre é considerado aquele que é plenamente cidadão, em oposição ao escravo, que é o não-livre na comunidade política. O livre possui a liberdade de falar e pode dispor de si na Pólis. Por isso a Pólis grega é, por diversas vezes, denominada por Aristóteles como a "comunidade dos homens livres". Para que essa liberdade, que é para Aristóteles o bem supremo da Pólis, possa ser garantida, é necessário que haja a lei, o princípio da ordem. Liberdade e lei assim não são contraditórias, mas se condicionam mutuamente. O perigo constante é o levante contra a lei, em nome duma liberdade mal entendida, que apenas pode ser arbitrariedade, pois impõe mais aos outros seu modo de ser do que a si mesmo.

Os filósofos estóicos têm a liberdade como o bem supremo do homem. Mas eles buscam principalmente uma liberdade ética. A falta de liberdade política e exterior não deveria afligir muito aos homens, pois os tiranos só podem escravizar o corpo do homem, o que é de somenos importância. O espírito humano ninguém poderá escravizar. Por isso também o escravo permanece livre. Com o seu espírito poderá passear pelo universo afora e habitar livremente as estrelas. O mais importante, para os estóicos, é, portanto, a liberdade de espírito. O que significaria uma libertação das realidades aparentes desse mundo. Libertação das paixões do corpo, do dinheiro, das honras, do ódio, das preocupações e do medo da morte. Bem. Uma liberdade, apenas entendida no sentido estóico, pode ser uma fuga. Quando não se pode superar a limitação da liberdade exterior, foge-se para acentuar uma liberdade interior. Mesmo que a liberdade exterior, às vezes, não seja necessária para continuar interiormente livre, contudo ela é um sinal da liberdade interior. Por isso não parece bem possível separar essas duas liberdades.

3.2 — Como demonstração de que a busca de liberdade é irreprimível no homem, poderíamos aqui mencionar todo o esforço emancipatório da humanidade através da história: emancipação dos escravos, emancipação política... A Inconfidência Mineira,

p.ex., teve como lema de seu movimento: "Libertas, quae sera, tamen" — Liberdade, embora tardiamente, contudo chegaste.

Na Proclamação da Independência dos Estados Unidos consta como verdade evidente o direito inalienável do homem à liberdade. A Revolução Francesa declarou que todos os homens nascem livres, e que essa liberdade consiste em se poder fazer tudo o que não prejudica a outrem.

Já mais perto de nós, a Declaração dos Direitos Humanos de 1948 acentua novamente que todos os homens nascem livres e têm direito à liberdade: liberdade de locomoção e residência; liberdade de pensamento, consciência e religião; liberdade de opinião e de expressão; liberdade de reunião e de associação pacífica; liberdade da escolha de emprego; liberdade de participar da vida cultural da comunidade.

3.3 — E se me permitirem fazer uma referência aos textos do Concílio Vat. II, que certamente têm um embasamento filosófico, ali se declara que os homens nunca tiveram um sentido da liberdade tão agudo como hoje. Mas constata-se também que, ao lado desse senso de liberdade, aparecem novas formas de escravidão social e psíquica. Mas não há que negar que os homens do nosso tempo se tornam cada vez mais cônscios da dignidade da pessoa humana. Cresce o número dos que exigem que os homens em sua ação gozem e usem de seu próprio critério e da liberdade responsável, não se deixando mover por coação, mas guiando-se pela consciência do dever. Postulando-se, da mesma forma, uma delimitação jurídica do poder público, para não ser cerceado por demais o campo da liberdade honesta, tanto da pessoa quanto das associações.

3.4 — E se continuarmos no campo religioso, verificamos que no nosso século até surgiu uma denominação religiosa, entre as muitas que pululam por aí, que tomou o termo "liberdade" para caracterizar o seu movimento: a "Perfect Liberty", única religião japonesa com denominação inglesa.

E desde que existe o cristianismo, são clássicos os ensinamentos de que Cristo libertou os homens para a liberdade; quando os homens conhecerem a verdade, a verdade os libertará. Essa é uma grande verdade, pois tudo o que se faz contra a verdade também se faz contra a liberdade. O que se faz às ocultas, secretamente, é uma ofensa à liberdade.

#### IV — O NOVO NOME DA LIBERDADE

4.1 — Não faz muito tempo, um homem público do nosso país declarou que o novo nome da liberdade é o desenvolvimento. Não

sei se ele quis dizer com isso que, na medida em que o desenvolvimento o exige, se pode restringir a liberdade dos cidadãos, ou se o desenvolvimento deve ser conduzido na perspectiva de tornar os homens cada vez mais livres.

Outros pensam que o novo nome da liberdade é o conhecimento. Por isso, o combate ao analfabetismo teria como resultado final a liberdade dos homens.

E permanecendo nesse campo pedagógico, o conhecido pedagogo inglês A. S. Neill, de Summerhill, escreve, em relação à sua educação antiautoritária, textos muito elucidativos para a compreensão de algumas perspectivas de liberdade no mundo atual.

4.2 — Numa passagem de seus escritos, Neill diz: "É direito da criança, para o bem de seu livre desenvolvimento, viver segundo leis próprias, sem autoridade externa em assuntos espirituais e corporais. É necessário permitir à criança de ser egoísta — de sentir os seus interesses infantis livremente". Neill é de opinião que a liberdade humana se orienta automaticamente pelos caminhos certos na convivência correta dos homens entre si. As bases de sua educação anti-autoritária estão, em última análise, fundamentadas na convicção de que o homem é bom por natureza. Nessa perspectiva, não se admite que coexistam no homem as dimensões do bem e do mal.

Neill, portanto, é extremamente otimista em relação ao homem e à sua liberdade. Por isso é de opinião que, se fossem adotados métodos educacionais adequados, o homem poderia ser educado para a verdadeira liberdade.

O modelo pedagógico de Neill parece, no entanto, não ser viável em toda parte. Anos atrás havia uma escola antiautoritária na cidade da fábrica matriz da Volkswagen. Essa escola teve que ser fechada por exigência dos pais. As crianças que saíram dali tiveram dificuldades de serem aceitas em outras escolas, pois para o conceito tradicional eram crianças difíceis. Talvez o modelo de Neill funcionasse se toda a estrutura atual da sociedade fosse transformada.

4.3 — Interessante é que da mesma Inglaterra de Neill nos chegam também vozes extremamente pessimistas em relação à liberdade do homem. Um número da revista *Time* de junho (1977), se não me engano, trazia um artigo sobre pesquisas de cientistas em várias universidades inglesas, para os quais a liberdade humana é uma pura ilusão. Esses cientistas afirmam que tudo no homem está condicionado pelo código genético. Se alguém é virtuoso, caridoso, inteligente ou bondoso isso não é mérito dele. Ele é assim porque o seu conteúdo genético permite que ele seja assim. É também a base genética que o instiga a ser isso ou aqui-

10. O homem não é nada mais do que o fruto das propriedades inerentes ao seu código genético. Assim o homem estaria biologicamente determinado a ter essas ou aquelas atitudes na vida. A chamada sócio-biologia também analisa o determinismo genético do homem.

Uma consequência muito significativa, que flui dessa teoria, repercute sobre a situação dos países subdesenvolvidos. Se tudo o que o homem faz e é, flui do código genético, o homem não pode realizar mais do que esse código inclui e permite. O código genético evolui naturalmente, e os povos se encontram em diferentes estágios de evolução: alguns mais adiantados, outros menos. Por isso não adianta a um povo, ou a uma raça subdesenvolvida, querer ser mais do que ela é. Terá que esperar a evolução de seu código para então chegar a ser o que outros povos já são. Um estrangeiro, com o qual comentei essa teoria, me disse: "O Brasil realmente é um país infeliz. A miséria de seu povo é gritante. Mas o que se vai fazer. Recebeu os piores potrugueses, os piores africanos, pois os melhores eram levados aos Estados Unidos, e possuía os piores índios..." Se essas teorias realmente fossem válidas, isso significaria que não adianta fazermos um esforço extraordinário para nos desenvolvermos, pois o conteúdo do nosso código genético ainda não nos permite sermos um povo desenvolvido. O homem não seria aquilo que ele é por livre decisão, mas por determinação genética. Uma tal teoria também isenta o homem de qualquer responsabilidade ética.

4.4 — Nos países que se orientam pela filosofia marxista, o conceito de liberdade assume igualmente uma conotação bem específica. Num dicionário filosófico da Alemanha Oriental encontramos os seguintes pensamentos:

Liberdade como realização criativa, que brota do interior do homem, não existe. A vontade humana só pode movimentar-se dentro de seus condicionamentos, que estão determinados pela ordem social. Todas as ações livres do homem podem ser esclarecidas a partir de condicionamentos naturais ou sociais. A educação socialista é a mais natural do mundo. Por isso ela conseguirá transformar de tal forma o homem, que, a partir de momentos livres, aceite a ordem comunista e se enquadre sem resistência nela. E pelo fato de no socialismo se estar passando para uma sociedade sem classes, serão vencidos também todos os restos de escravidão material e espiritual ainda existentes... Por isso pode-se denominar o socialismo e o comunismo como o "Reino da Liberdade".

Seria interessante confrontar esse conceito de liberdade socialista com a história do poeta-filósofo que apresentei no início. Fato ocorrido justamente na cidade do "Pacto de Varsóvia".

4.5 — Diante das muitas opiniões e das muitas definições de liberdade, poderíamos perguntar: o que é a liberdade? Penso que, da mesma forma como Pilatos perguntou a Cristo: “o que é a verdade?” e não recebeu uma resposta, ninguém poderá esperar uma resposta curta e rápida, quando se trata de saber o que é a liberdade.

4.6 — Examinando o que os humanismos contemporâneos dizem sobre a liberdade, verificamos que num sentido teórico o problema ainda continua sendo focado na perspectiva do determinismo e do indeterminismo. No sentido prático, muitos dizem que a liberdade é uma utopia.

Concordo que seja uma utopia buscar a liberdade absoluta. Mas uma das perspectivas mais humanas é a esperança de que as utopias se concretizem de alguma forma. E nesse sentido, mesmo que a liberdade seja uma utopia, contudo sentimos na pele quando ela não existe. E a história da humanidade nos demonstra que os homens, muitas vezes, preferem a morte a terem que renunciar à liberdade. Analisando, p.ex., a história da nossa escravidão, verificamos que muitos índios e africanos preferiam o suicídio a viverem sem liberdade.

## V — A LIBERDADE EXISTENCIALISTA

5.1 — O problema da liberdade leva o homem, que quer compreender o mundo e a sua própria existência, a sempre novas e angustiantes interrogações, às quais não pode esquivar-se. Por isso, de certa forma, J. P. Sartre tem razão quando diz que “o homem está condenado a ser livre”. Se não for livre não só não se humaniza, mas se desumaniza.

Não faz muito tempo *Sartre* tornava clássica uma definição do pensamento “existencialista”: aquela de que a existência precede a essência. Com isso queria dizer que o homem não traz já inscrito em sua essência, com a qual nasce, o que será no fim de sua existência. O homem não age segundo o que ele é desde o seu nascimento, mas age de acordo com o que quer ser. Isso é: livremente. Em outras palavras: entre os muitos caminhos que se apresentam ao homem em qualquer começo, ele vai entrando livremente por aquele que será o único que determinará a sua essência definitiva.

Aliás, em todas as suas obras Sartre especifica esse seu pensamento fundamental sobre a humanização do homem pela liberdade. No seu livro “As Moscas” oferece-nos uma imagem muito profunda sobre a liberdade. Apresenta ali as condições necessárias para o que pensa ser a existência autêntica do ser humano. É uma

espécie de parábola, na qual recorre à mitologia grega, visando, no entanto, aplicações muito concretas e atuais.

5.2 — Sartre narra nessa parábola a chegada de Orestes a Argos. Orestes ainda é jovem e não experimentou até esse momento na própria carne a tragédia de sua família: Agamenão assassinado, Electra escravizada pela mãe e pelo traidor Egisto. E Orestes percebe repentinamente a sua situação de homem sem passado. Desligado do que era seu: a sua família. O "Pedagogo", o seu acompanhante, procura consolá-lo, mostrando-lhe que ele só teve vantagens por não ter sido envolvido por aquela casa maldita. Adquiriu assim um mundo de conhecimentos: conheceu a diversidade das opiniões humanas, os costumes dos povos, o vasto universo da cultura. E o Pedagogo conclui: Orestes "agora és jovem, rico e belo, prudente como um ancião, livre de todas as servidões e de todas as crenças, sem família, sem pátria, sem religião, sem ofício. Livre de todos os compromissos e ciente de que nunca te deves comprometer; enfim, um homem superior, capaz, além disso, de ensinar filosofia ou literatura em uma grande universidade, e te queixas!"

Nessa colocação, a ausência de compromissos faria de Orestes um homem superior. Mas Orestes não pensa do mesmo modo. Reconhecida a sua situação de privilégio, vê-a, não obstante, como um vazio e a cataloga com dureza: "Deixaste-me a liberdade desses fios que o vento arranca das teias de aranha e que flutuam a dez pés do solo; não peso mais do que um fio e vivo no ar". Aqui, portanto, uma experiência de leveza que acaba sendo uma garantia de inutilidade.

O homem realmente vale alguma coisa porque as recordações que tem são suas. Orestes, como desterrado, nada tem de seu. Esse mundo de sua gente, resvalou-lhe por entre os dedos e não lhe resta nem o arrependimento como aos outros, assassinos e colaboradores. Ele vê que tudo o que tem na vida é dos "outros". E ainda que as vidas dos outros sejam culpadas, horríveis, desumanas, ele deseja desesperadamente participar delas para encher o vazio do seu coração. É verdade, ele tem um modo de ser livre, mas essa é uma liberdade de estrangeiro, pois cresceu num país que ele não ajudou a construir. E agora Electra tem necessidade dele para realizar uma tarefa de homem, não a de um desterrado da vida. E em tais circunstâncias sua irmã lhe dirá: "Vai-te alma bela. Nada tenho a fazer com as almas belas: o que eu queria era um cúmplice".

E aqui aparece mais um aspecto da liberdade humana: o de ser "cúmplice" da vida dos outros. As almas demasiadamente brancas, submissas a tudo, que só se comprazem em receber presentes de Papai-Noéis, não podem ser consideradas livres por não terem

participado do drama da vida humana. Por não terem participado na construção de sua Nação. Ora, "participar" significa "tomar parte", "tomar partido". Para isso é preciso estar "de um lado". Se Orestes pergunta "quem sou eu e que tenho a dar?" Terá que responder a essa interrogação medindo o seu, até agora, alheamento da cidade e dos homens que a compõem. Somente participando na tragédia que se desenrola entre os seus, pode voltar e reconciliar-se: "Compreenda-me, diz ao Pedagogo, quero ser um homem de algum lado". Isso significa, nem mais nem menos, "ser homem entre os homens". "Adentrar-me na cidade e envolver-me nela como num manto", é a expressão usada que manifesta com clareza o seu desejo de ser humano, apesar das condições postas. Confrontar-se com os homens que compuseram a situação trágica de seu povo. Ainda mais, enfrentar os deuses, que representam as forças ocultas, sobre-humanas que dominam a vida dos homens e são o supramundo capaz de afogar o homem no medo. E precisamente aí está o segredo e a fraqueza dolorosa dos deuses e dos reis: que os homens sejam livres. O homem, porém, muitas vezes se entrega a esses poderes, renunciando a viver livremente por medo. Egisto o confessa a Júpiter, porque ambos são colegas pelo poder e pelo temor religioso que infundem: "Quem sou eu senão o medo que os demais têm de mim?". E Júpiter replica a Egisto com rosto amargo: "Uma vez que brilhou a liberdade na alma do homem, os deuses nada mais podem contra o homem".

Através de tais textos, Sartre quer mostrar que o homem é a sua liberdade, por isso deve inventar o seu caminho, participando da vida, tornando-se cúmplice da vida dos outros homens. O que se sublinha com clareza é o fato de que somente na aventura de um compromisso e de um desprendimento, isto é, de um risco de temporalizar-se, pelo risco de perder-se na liberdade o homem chega a humanizar-se. Claro, fica por esclarecer-se a meta dessa aventura no entendimento de Sartre.

5.3 — Numa outra parábola, Sartre mostra uma mulher que procura, a todo custo, conservar a inocência infantil de seu filho. E ela suspira: "Quem me dera que nunca deixasses de ser criança..." Através de sortilégios essa mãe consegue realizar o seu sonho. Mas um certo dia os seus sortilégios perderam o efeito, e no lugar do inocente encontrou um homem já velho e amargurado que a censurava: "Roubaste-me a vida por egoísmo feroz, dando-me em contrapartida uma felicidade indigna... Privaste-me da ação que enobrece, do pensamento que ilumina, do amor que fecunda... Devolve-me o que me tiraste". Mas já era tarde, porque era também o tempo de sua morte. Só restava maldizer sua mãe que não deixara que ele se tornasse adulto e corresse o risco da liberdade.

## VI — O RISCO DA LIBERDADE

6.1 — Chegamos ao ponto em que o pensamento humanístico atual se pergunta se a liberdade é algo perigoso, pois muitos têm medo da liberdade e de homens livres.

Em verdade, o perigo não está na liberdade, mas no fato de nosso livre arbítrio poder renunciar à liberdade. Ali está o perigo humano: que o homem se possa tornar objeto, ser dominado, transformar-se em eco de pensamentos e palavras alheias, em um passivo objeto social. O terrível não é, portanto, a liberdade, mas o seu contrário.

Mas voltemos ao exemplo, antes apresentado, da mãe. Ela, inquieta diante da possibilidade de que seu filho escolhesse livremente o mal, evita essa possibilidade, suprimindo a própria liberdade e prolongando a infância do filho até o fim da vida, até a véspera da morte. Mas o filho, no último instante da maturidade, maldiz o egoísmo de sua mãe ao privá-lo de sua vida adulta e livre. E aqui está o problema-chave de toda a educação de adultos, da educação da massa popular pelos governantes.

Por que seria preferível esta maturidade “com o mal” à inocência infantil prolongada indefinidamente? Bem. Na atitude da mãe que protege, está implícita uma concepção da liberdade, e na maldição proferida pelo filho, outra, oposta a esta.

Para a mãe, a liberdade é a mera capacidade de escolher entre duas coisas, não um bem, um valor em si mesmo. É bom — ou mau — o que se escolhe. Assim a liberdade do homem é como que uma balança onde se pesam o bem e o mal, tudo o mais é consequência lógica disso.

Para o filho, que maldiz essa lógica materna, a única possibilidade de rebatê-la de verdade está em valorizar a própria liberdade acima do valor ou contra-valor que possam ter os objetos propostos a ela. Assim, o filho chega a dizer: qualquer que seja o resultado de minha escolha, o valor de eu mesmo escolher o meu destino será sempre melhor. Prefiro escolher, ainda que de minha escolha pudesse surgir o mal.

6.2 — Em outras palavras, a liberdade não seria então uma mera possibilidade de decidir entre um projeto e outro, já dotados de valores e contravalores, mas um valor em si e que compensa o mal que poderia resultar da escolha. Por isso vale à pena ser livre ou tornar-se livre.

O que significaria isso em termos concretos? Tomemos, p.ex., os estudantes de uma universidade. Quando não se sentem participantes nas decisões e nas representações de sua Universidade,

lutarão até que consigam essa participação, mesmo que ela finalmente seja mínima e insignificante. Mas apenas com uma participação os estudantes se sentirão livres.

O mesmo acontece com o cidadão em geral. Quando não se sente participante da vida de seu país, estará intranquilo até que ainda essa participação. Nunca se poderá tranquilizar e satisfazer durante muito tempo um povo com imposições, retirando-lhe a participação. Não adiante dar presentes, promover o progresso, sem a participação popular. Um tal progresso não será sentido como verdadeiro progresso. O Papai-Noel só tem função durante um período muito curto da vida: a infância. Seria, evidentemente, errado se alguém, durante toda a sua vida, fosse obrigado a permanecer criança. Interessante é que até um prisioneiro se pode sentir livre na prisão, se lhe forem dadas possibilidades de participar na organização da vida do cárcere.

6.3 — E aqui tomo a liberdade de citar uma passagem do Documento da CNBB: "Exigências cristãs de uma Ordem Política". Diz esse Documento (n.º 30/32): A liberdade de discussão dos grandes problemas nacionais, dentro do ideal democrático, é uma forma fundamental de participação nas sociedades políticas bem ordenadas. Só essa liberdade garante o direito a oposição, a possibilidade do debate sobre as alternativas do destino de uma nação. Sem esta liberdade, o próprio direito de pensar gera suspeitas de ameaças a ordem pública, tornando-se objeto de ação repressiva. Uma censura arbitrária nesse campo não teria justificativas nas exigências do Bem Comum e levaria, rapidamente, à perda de credibilidade da parte do Estado como poder legal... A participação se exercita através do uso responsável da liberdade, que é um direito inalienável e um dever para todos. Este uso não se confunde com a permissividade que deve ser coibida precisamente em nome da liberdade e da ordem pública, visto que a permissividade precipita os homens e as famílias em formas degradantes de escravidão moral.

## VII — A LIBERDADE E OS DETERMINISMOS

7.1 — Aqui aparece mais um aspecto do que se entende por liberdade nas perspectivas humanísticas atuais. Liberdade não significa libertar-se de todos os seus determinismos, mas conhecer as suas limitações e caminhar para a sua superação.

Toda a discussão sobre a liberdade resume-se, em última análise, na questão: se o homem é livre ou determinado em suas ações. Esse propriamente já era o problema dos antigos filósofos, e continua sendo o problema dos humanismos contemporâneos.

Claro, é fácil assinalar a unilateralidade dessas posições no seu sentido extremo. De fato, nem a liberdade tem um poder tão geral como pensa, p.ex., Sartre, nem a essência define tão definitiva e totalmente o existir de um ser humano, como pensam os deterministas.

7.2 — Cada posição retrata parcialmente a realidade humana. E nesta dualidade da existência está certamente o que precede e limita a minha liberdade, o que não sai de mim, o que me foi imposto e o que, embora pertença ao meu ser, não reconheço como o meu profundo, autêntico e verdadeiro eu. Isso é o que Sartre chama essência, e o que a filosofia atual denomina mais corretamente de natureza.

Estes são os dois elementos que lutam para determinar a existência do homem, sem que este possa jamais eliminar um deles, pela simples razão de que não são apenas opostos, mas também complementares. Por isso mesmo a ação humana, em última análise, sempre se torna o resultado de um compromisso entre a oposição-complementariedade, entre a essência-existência, entre a natureza-liberdade. Pois os projetos humanos exigem instrumentos para a sua realização.

7.3 — E quantas vezes, sem me dar conta disso, as dificuldades em dominar os instrumentos dos meus projetos me conduzem a “esquecer” os projetos iniciais, ou a diminuí-los na medida do esforço que estou disposto a fazer. Daí o enigma que constitui, muitas vezes, para o homem a sua própria ação. A desgraça está em que todo projeto que sai de nós tem que se realizar com instrumentos “emprestados”, dotados de vida própria e de iniciativa ou dinamismos que ignoram ironicamente nossas pretensões de utilizá-los. E estes instrumentos emprestados não são apenas as coisas fora de mim: são também o meu próprio corpo e a minha própria mente, meus próprios afetos e minhas estruturas físicas e sociais nas quais estou inserido.

A liberdade não constitui, pois, uma zona espiritual ameaçada pela força dos sentidos e do material, mas é a capacidade de conferir sentido e valor a elementos que tanto dentro como fora de mim constituem sistemas independentes do meu arbitrio. Minha mentalidade de classe com seus conceitos, explicações e preconceitos constituiu um exemplo.

7.4 — Propriamente não se pode falar de liberdade, sem falar em determinismos: determinismos naturais, culturais e psicológicos. Com efeito, natureza significa tudo aquilo que, em qualquer nível e em qualquer plano da existência humana, condiciona a liberdade. Mas condicionar significa possibilitar e limitar ao mesmo tempo. Não há liberdade sem essas forças da natureza primeira (as do

meu próprio ser e as do meu ambiente) e as da "segunda natureza" cultural (também em meu próprio ser e em meu ambiente), que constituem os seus únicos instrumentos de realização. E não há liberdade que não entre em choque com essas naturezas, e com elas não tenha que se haver.

Alguém poderia dizer que a natureza parece antes ser o conjunto dos determinismos que tornam ilusória a nossa liberdade. Na verdade, não há inconvenientes em chamar determinismos aos dinamos naturais, tanto dentro como fora do indivíduo. Todavia não é a mesma coisa falar de determinismos e afirmar o *determinismo*, ou seja, a não-liberdade.

Estar sujeito a determinismos não significa que minha liberdade é ilusória, que ela não significa nada. Que não existe, nem possa atuar. Como já disse acima, quantas vezes "esquecemos" os projetos iniciais e os reduzimos à medida do esforço que neles colocamos, e estamos dispostos a pôr neles.

7.5 — Em nossa vida concreta a interpretação libertadora nunca é o resultado de um mero estudo de laboratório. E aqui entram novamente os determinismos. P.ex.: quando não vejo certas realidades que estão além daquilo que acontece, ou que se admite em minha própria classe social, continuarei a não vê-las enquanto outro determinismo não equilibrar o peso dos anteriores. Essa força poderá vir de outro sistema qualquer: a atração sexual, um diferente condicionamento econômico, a agressividade para com uma determinada autoridade política ou familiar. De modo que não podemos dizer que existe o determinismo, mas que existem os *determinismos* (plural). Isso faz com que a liberdade humana não seja absoluta, pois a nossa liberdade exterior está condicionada às leis naturais. Mesmo que alguém quisesse, não poderia voar como um pássaro para a Europa. Também as autoridades limitam, muitas vezes, a nossa liberdade externa: os pais, os diretores de empresa, as instituições, o Estado. De vez em quando, talvez, nos limitem a liberdade por motivos um tanto excusos (p.e., depósito compulsório para sair do país). Mas nem sempre.

7.6 — A nossa liberdade interior depende de condições hereditárias, do meio-ambiente e de condicionamentos psicológicos. No meio-ambiente são principalmente os aspectos sociais, culturais e confessionais, em que o homem cresce, que determinam as possibilidades de seu livre desenvolvimento. Além disso, sempre se encontram indivíduos e grupos de pessoas que procuram restringir a nossa liberdade. Homens desejosos de poder, ou dominados por ideologias, pressionam a opinião pública, procurando impor as suas idéias. Dessa forma podem até aterrorizar e oprimir a opinião pública. A psicologia profunda demonstra que todo homem

leva consigo experiências, das quais nem sempre está consciente, que contudo influem nas suas decisões livres. Essas experiências podem remontar até a infância e inclusive ao estado pré-natal. Mas, embora todos esses fatores não permitam o surgimento de uma liberdade absoluta, o indivíduo conserva, contudo, um maior ou menor âmbito de decisão própria. E quando o homem se preocupa intensamente para desenvolver as suas capacidades, ele conseguirá vencer a maior parte dos condicionamentos de sua liberdade.

7.7 — É importante ter bem claro o seguinte: a liberdade não está feita, não é uma zona libertada, onde o homem possa construir a sua existência. A liberdade é uma possibilidade dada e um valor a conseguir fazendo entrar em ação um número sempre maior de determinismos.

A educação, p.ex., não consiste em “habituar alguém a realizar determinadas coisas”. A única educação humana, a da liberdade, está na abertura a um leque suficientemente amplo de interesses humanos, de modo a poder combinar-se e equilibrar-se de forma cada vez mais rica e complexa, se o educando quiser tirar partido, livremente, da educação. Pois o homem de um só interesse, de uma só paixão, de um só partido, de uma só ideologia, de um só determinismo, é um obcecado, um fanático, um escravo.

Do ponto de vista terminológico, como se poderia definir a situação desse escravo, seja ele agressivo, sensual ou ideologizado? Diremos que não tem liberdade? É claro que sempre possui um mínimo de liberdade para ampliar o seu sistema de motivações e de aproveitar um novo equilíbrio. E por isso há quem prefira chamar a esta base restante, ou a esta possibilidade mínima anexa a toda psique humana, livre arbítrio e reservar o termo liberdade para o valor que este homem, de que falamos, evidentemente não possui. Na verdade, ninguém possui esta liberdade a não ser em certa medida, dependente sempre daquilo que seu livre arbítrio decidir. Pode-se, inclusive, livremente renunciar a ser livre, e a liberdade não é outra coisa senão uma libertação livremente atualizada.

Mas, como entre este livre arbítrio escravizado e esta liberdade sempre ameaçada não existe solução de continuidade, pode-se dar a ambos o mesmo nome de *liberdade*: a que se possui e a que se escolhe. É uma tarefa humana, que o homem se torne senhor do seu próprio destino. Dessa forma também fica claro que a liberdade não é carta branca para viver desbragadamente. A partir da liberdade não se pode dizer: “Tudo nos é permitido”.

7.8 — Voltemos ao caso do poeta filósofo, que citei no início da palestra. Ele teve que esconder-se para escrever “livremente” sobre a liberdade. Para poder pensar e escrever livremente sobre

a liberdade ele mesmo teve que limitar a sua liberdade. Isto é, de certa forma, um paradoxo. Mas essa situação se repete na vida diária. Se o poeta-filósofo não tivesse encontrado nenhum obstáculo, por que teria tomado todas as precauções que tomou? Por que teria sentido a necessidade de escrever sobre a liberdade? Se essa liberdade não tivesse conhecido entraves, ninguém se teria interessado por ela. Em outras palavras, a liberdade se teria tornado inútil, e poderia ter sido esquecida. E se hoje nós refletimos sobre a liberdade, isso certamente tem os seus motivos.

A conquista da liberdade segue o caminho bizarro de uma compreensão diariamente renovada. Não é, portanto, uma vitória, não podemos apoderar-nos dela; ela nos provoca para um trabalho duro e paciente, pois do contrário estaremos sujeitos a perdê-la novamente. A liberdade também não é uma categoria ética, como quer Kant, mas ela aparece em todas as formas de aplicação da razão. É a liberdade que torna a existência do homem suportável, pois lhes permite ampliar a sua razão em todos os sentidos. Quando o homem é demasiadamente determinado na utilização de sua razão, ele se sente oprimido, podendo dali surgir situações insuportáveis, ou quase insuportáveis, como a dos deportados em campos de concentração, dos escravos, dos flagelados nas catástrofes, dos açoitados pela fome etc...

## CONCLUSÃO

Concluindo podemos dizer: liberdade absoluta é uma utopia, pois todo indivíduo, mesmo convencido de sua liberdade, possui fixações e condicionamentos. Essa é simplesmente a situação humana. Por isso, poderíamos comparar o homem a um pássaro numa gaiola. Estamos engaiolados por nossos condicionamentos. Existe, contudo, uma diferença fundamental entre as nossas gaiolas e as gaiolas dos pássaros. Nós podemos ampliar as grades e as portas de nossas gaiolas. Podemos torná-las maior, diminuindo os nossos determinismos e tornando-nos mais livres. Mas existe também a possibilidade de nos cercarmos com portas e grades cada vez mais fortes. Podemos nos enquadrar ou sermos enquadrados em determinismos cada vez mais rígidos, pelos quais teremos que renunciar à nossa liberdade. Interessante é que, na maior parte das vezes, não somos nós mesmos que sabemos o tamanho e a força das grades que nos engaiolam. É necessário que outros no-lo digam e nos ajudem a sair de nossas prisões. Por isso a verdadeira liberdade humana não é apenas assunto individual.

Pouco acima eu dizia que podemos ser enquadrados em determinismos cada vez mais rígidos. E parece que este é o maior perigo da humanidade atual. Em tempos passados se dizia: "Cuidado

com o homem de um livro só!" Hoje poderíamos dizer: cuidado com os homens de um canal de televisão só! Cuidado com os homens de um partido só! Cuidado com os homens engaiolados por uma ideologia só, pois estes são capazes de engaiolar a muitos outros.

Como humanistas constatamos que a verdadeira e grande crise do nosso tempo é a crise do homem e de sua liberdade. Parece que a liberdade do homem de escolher o seu próprio caminho está diminuindo. De um lado encontramos o homem miserável, oprimido e ignorante de sua própria condição. Do outro lado a minoria bem colocada, mas perplexa e condenada pela fome alheia: fome cultural e fome física. Nas grandes sociedades, chamadas de consumo, o homem está cada vez mais sozinho, transformado em peça da monstruosa engrenagem que devora os homens. É o homem ferido e só, extraviado de si mesmo. O homem que renunciou, ou foi forçado a renunciar, à sua liberdade, quer consciente quer inconscientemente.

E o que arrisca o homem ao renunciar à sua liberdade?

O homem não livre não será mais pessoa humana. Não poderá mais ser escolhido livremente, mas será comprado como produto. Arriscar-se a ser livre significa certamente um sofrimento, mas ser pessoa livre vale este sofrimento, pois só assim haverá possibilidades para a humanização do homem.

#### BIBLIOGRAFIA

- KRINGS, Hermann, *Freiheit*. In: Handbuch Philosophischer Grundbegriffe, vol. 2, Kösel-München, 1973.
- ALBÉRÈS, R. M., *Jean-Paul Sartre*, Ed. Itatiaia, BH, 1958.
- NEILL, A. S., *Theorie und Praxis der antiautoritären Erziehung. Das Beispiel Summerhill*, Rowohlt Taschenbuch Verlag, Reinbek, 1963.
- VÁRIOS, *Wagnis der Freiheit*. In: Impulse zur Verantwortung, Patmos-Verlag Düsseldorf 1972.
- SEGUNDO, J. L., *Teologia Aberta para o Leigo Adulto*, vol. 3, Ed. Loyola SP, 1977.
- HEIDEGGER, M., *Sobre o Humanismo*. Trad. de E. C. Leão, Tempo Brasileiro, RJ, 1967.
- RIOUX, Marcel, *Os Intelectuais e a Liberdade*. In: Rev. CONCILIUM 1 (1975), pp. 61-68.